



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Artes - IdA  
Departamento de Música

Trabalho de Conclusão de Curso

**RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DE MÚSICA DOS  
ANOS INICIAIS AINDA EM FORMAÇÃO**

Gelli Grazielle Silva e Oliveira

Brasília (DF)

2014

GELLI GRAZIELLE SILVA E OLIVEIRA

**RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DE MÚSICA DOS  
ANOS INICIAIS AINDA EM FORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao curso de Licenciatura em Música do  
Departamento de Música da Universidade de  
Brasília.

Orientação: Profa. Me. Larissa Rosa Antunes

Brasília (DF)

2014

Gelli Grazielle Silva e Oliveira

**RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DE MÚSICA DOS  
ANOS INICIAIS AINDA EM FORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao curso de Licenciatura em Música do  
Departamento de Música da Universidade de  
Brasília.

Orientação: Profa. Me. Larissa Rosa Antunes

---

Me. Larissa Rosa Antunes (Orientadora)  
Universidade de Brasília – UnB

---

Dra. Delmary Vasconcelos de Abreu  
Universidade de Brasília – UnB

---

Me. Simone Lacorte Recova  
Universidade de Brasília – UnB

Brasília (DF), 08 de dezembro de 2014.

## RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso busca analisar a vida acadêmica da discente e como os conhecimentos adquiridos na academia foram construindo sua prática docente. A autora traz suas experiências enquanto aluna do curso de licenciatura em música da Universidade de Brasília (UnB) e, concomitantemente, professora de música da Educação Básica. Refle sobre como sua visão de mundo, de educação, ensino e aprendizagem musical foi sendo formada e como elas se tornam referência na sua prática como professora de música. O relato de experiência foi restringida em três temáticas: o plano de aula, a disciplina em sala de aula e o ambiente ideal para a aula de música seguindo de uma análise reflexiva do que foi escrito.

**Palavras-chave:** Docência em música. Formação de professores de música. Educação Musical.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	<b>9</b>
<b>4. RELATO DE EXPERIÊNCIA</b> .....	<b>12</b>
4.1 COMO PREPARO MINHAS AULAS .....	<b>12</b>
4.2 COMO CONQUISTO A ATENÇÃO DOS ALUNOS .....	<b>13</b>
4.2.1 DEMONSTRO CARINHO.....	<b>15</b>
4.2.2 ENTENDO QUE CRIANÇA FAZ CRIANCICES .....	<b>15</b>
4.2.3 DEIXO CLARO O QUE PODE E O QUE NÃO PODE .....	<b>16</b>
4.2.4 NÃO CEDO E NÃO TENHO MEDO DO ATRITO.....	<b>17</b>
4.3 COMO CRIO O MELHOR AMBIENTE PARA AS AULAS DE MÚSICA .....	<b>18</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>22</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Visitar as memórias traz a oportunidade de analisar aquilo que foi significativo para a formação do sujeito. Partindo dessa ideia, escrevo esse trabalho apresentando a minha caminhada ao longo da formação musical e ao longo do curso de Licenciatura em Música da Universidade de Brasília. Por meio da reflexão da minha prática docente, pretendo situar aprendizagens que tive durante a formação e atuação docente e analisar como elas me contribuíram para a minha formação como professora de música.

A música entrou em minha vida na adolescência, aos 14 anos, quando tive a oportunidade de voltar a estudar na escola que eu estudei dos 6 aos 11 anos. Eu queria participar das aulas de música que a escola começara a oferecer na época da minha breve saída. Foram dois anos longe e nesse tempo a escola desenvolveu muito o ensino da música.

Quando, na oitava série, voltei à querida escola, alguns professores de instrumento vieram à nossa sala, tocaram uma música, falaram de seu trabalho e nos entregaram uma ficha de inscrição com muitas opções de instrumentos musicais. Se quiséssemos entrar nessas aulas (oferecidas em turno contrário), deveríamos escolher os instrumentos que queríamos aprender e devolver a ficha. Eu já sabia que queria entrar nessas aulas, mas não fazia ideia de qual instrumento tocar. Assim, por influência das amigas e por achar que eu era *rockeira*, me matriculei na aula de bateria.

Por pedidos insistentes do professor entrei para o grupo de percussão popular. Em seguida comecei a estudar percussão erudita. Saí das aulas de bateria, fiquei com os grupos de percussão (popular e erudito). O que me abriu oportunidades de tocar na orquestra da escola e participar dos musicais que anualmente eram produzidos. Foi essa experiência que despertou um grande sonho: ser professora de música.

Os ensaios do grupo de percussão popular aconteciam em duas etapas: ensaio de naipe e depois o geral. O professor era visivelmente sobrecarregado. Ficava de naipe em naipe tentando acertar o que estava errado, passando uma atividade técnica em meio ao tumulto dos estudos simultâneos. A sala não era pequena, mas o ambiente ficava sonoramente carregado. Um grupo de pessoas tocava surdo, outro grupo caixa, outro tamborim, agogô, repenique e outros ficavam conversando. Era um ambiente estressante para um professor que tenta organizar e transmitir saberes. Foi nesse contexto que comecei a ajudá-lo com o naipe que eu tocava: tamborim.

Como eu já conhecia todos os ritmos, variações e já tinha adquirido a técnica para tocá-los, fiquei encarregada de ensaiar o naipe. Foi o primeiro contato com o “ensinar música” que tive e me apaixonei. Era tão gratificante ver meus colegas felizes por conseguir tocar algo que antes era muito difícil para eles. Essa prática foi ampliando para os outros instrumentos tanto de percussão popular quanto erudita, já que tínhamos o costume de um colega ajudar o outro. Lembro-me que eu estava no primeiro ano do Ensino Médio quando olhei para aquela sala de percussão e decidi: “eu quero ser professora de música”.

Quando terminei a Educação Básica, segui o conselho da professora de flauta transversal da escola que sugeriu que aprofundasse meu conhecimento em percussão na Escola de Música de Brasília antes de entrar na universidade. Por dois anos e meio me dediquei apenas ao estudo da percussão erudita e depois surgiu a oportunidade de trabalhar em uma escola como professora de música.

Comecei a dar aulas de música na Educação Infantil quando um colega da Escola de Música de Brasília decidiu transferir a mim as suas turmas em que ele dava aula. As experiências dele, segundo seus relatos, não eram agradáveis. Assim que apareceu outra oportunidade de trabalho para ele, ensaiar o naipe de percussão em um projeto social, fui indicada para assumir suas turmas. Um semestre depois entrei no curso de Licenciatura de Música na Universidade de Brasília.

Ingressei na Universidade com muita vontade de aprender e curiosa para descobrir como esse curso me transformaria em uma professora de música. Apesar de já estar em contato com a docência, eu era como uma caixa que ainda tinha muito espaço para ser ocupado. Vieram então as experiências, algumas agradáveis e outras desagradáveis, mas todas elas recheadas de aprendizados e lições que me formaram a profissional que hoje sou.

Aprender a elaborar um bom plano de aula, por exemplo, foi uma experiência traumática. Até o último semestre do curso eu nunca havia conseguido fazer um plano que se transformasse em uma boa aula. Apesar disso, esses planos foram elogiados por professores e me renderam boas menções. Eu percebia uma incoerência e não conseguia achar aplicabilidade para esses planos, assim essa prática foi abolida da minha vida profissional.

Ainda que não fizesse planos para minha atuação, algumas questões norteavam a minha prática docente: Como conquistar atenção dos meus alunos? Em qual ambiente

as crianças aprendem melhor? Esses questionamentos foram respondidos por meio das experiências na formação docente em conjunto com prática profissional.

Nesse sentido, esse trabalho apresenta o relato de experiência, em que pretendo descrever meu percurso com a aprendizagem musical e docente, narrar minhas ações pedagógicas, trazendo reflexões acerca do fazer musical com crianças no início da Educação Básica. Para isso, procuro trazer algumas experiências refletindo sobre quais conhecimentos e vivências da minha formação musical eu trouxe para a prática docente e como estou desenvolvendo o ensino da música onde atuo.

Esse trabalho contribui para área de formação de professores de música ao abordar as experiências vividas no contexto de formação inicial do docente em música. As reflexões permeiam as práticas desenvolvidas tanto nas disciplinas comuns a todas as licenciaturas quanto às disciplinas voltadas para a Educação Musical. Nesse sentido, esse trabalho se torna relevante para a reflexão no âmbito da Educação Musical e do processo formativo docente em música.



## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Durante as últimas décadas, houve um esforço por parte de especialistas em educação em racionalizar o ensino excluindo do processo educativo práticas que eles consideravam não contribuir para o trabalho escolar e abordando práticas meramente acadêmicas. Nóvoa (2007) combate essa visão defendendo que não é possível reduzir a vida escolar unicamente à dimensão racional “porque grande parte dos actores [sic] educativos encara a convivialidade como um valor essencial e rejeita uma contração exclusiva nas aprendizagens acadêmicas” (p. 14).

O que Nóvoa chama de uma “certa” literatura científica exclui a pessoa do professor do processo investigativo em educação reduzindo “a profissão docente a um conjunto de competências e de capacidades, realçando essencialmente a dimensão técnica da ação pedagógica” (NÓVOA, 2007, p. 15). A pessoa do professor passa, então por uma separação do *eu pessoal* e o *eu profissional* instaurando uma crise de identidade do professor agravada por publicações, que os reduzia às suas competências técnicas e profissionais chegando ao ponto de serem ameaçados por publicações que sugeriam substituir o professor por máquinas ou sistema não humanos de educação (NÓVOA, 2007).

Foi em 1984 que Ada Abraham publicou o livro “*O professor é uma pessoa*”, que se tornou referência para diversas investigações sobre a vida dos professores. A partir de então, surgem várias publicações centradas na vida do professor colocando-o no “centro dos debates educativos e das problemáticas da investigação” (NÓVOA, 2007, p. 15).

Atualmente, as pesquisas na área de Educação tem, entre suas temáticas, os estudos sobre a aprendizagem do sujeito, ou seja, consideram suas particularidades em que cada um tem o seu e modo de aprender e o seu tempo para fazê-lo. Nesse sentido, a aprendizagem é entendida “como de natureza psíquica e social, de uma cognição que decorre de processos sociointeracionistas” (SOUZA, 2012, p. 49).

Quando falamos de aprendizagem nos referimos ao aprendente e também àquele abre o caminho para o aluno aprender: o professor. Nesse aspecto, é importante o entendermos não apenas como o mestre, mas também como aluno, alguém que se dispõe a ensinar e precisa aprender a fazê-lo.

Investigações sobre como o professor aprende a ser professor têm sido feitas com frequência e tem contribuído para a formação de professores. Segundo Bellochio (2012), investigações sobre essa temática resultam de uma preocupação com os processos de formação e ação profissional de professores que, pretendem melhorar os processos de ensinar e aprender tanto na instituição de formação profissional quanto na escola de Educação Básica.

A formação docente também é temática de pesquisa de Cereser (2003), que explica que professores em formação são aqueles que estão inseridos em uma instituição específica, com profissionais especializados, cursando a formação inicial de professores. Essas instituições apresentam currículo que estabelece a sequência e o conteúdo instrucional do programa de formação. No caso da formação docente dos professores de música, além de apresentar o conteúdo voltado para a formação do professor, as instituições levam em consideração a formação musical e pedagógico-musical desse formando dando um aparato teórico pedagógico a fim de prepará-lo para ensinar música. (CERESER, 2003)

A formação docente do professor de música é um processo complexo que acontece ao longo da vida. Segundo Bellochio e Souza (2013), a formação do professor de música envolve “construções biológicas e psicológicas, englobando diversas dimensões, dentre as quais as de natureza cognitiva, emocional e psicossocial.” (p. ). Esses processos se dão pelas relações entre as aprendizagens que vão sendo construídas ao longo da vida, mediadas por interações sociais.

Nesse sentido, é importante entender a particularidade do licenciando em música, uma vez que muitos já atuam como professores particulares ou em escolas de educação básica anteriormente ou concomitantemente a curso de licenciatura. Assim, as experiências individuais que vão sendo construídas ao longo da vida, que inclui as práticas docentes, corroboram para a formação do professor de música. (BELLOCHIO; SOUZA, 2013).

Ao estudar o licenciando em música em seu estágio supervisionado, Bellochio (2012), compreendeu a complexidade envolvida nessa formação e o emaranhado de situações em que se encontra esse docente-aluno:

Como professora atuante em disciplina de ES há duas décadas, percebemos que, de um lado tem-se o curso e sua estruturação curricular com disciplinas que, via de regra, não dialogam muito entre si e determinam ao estudante uma sobrecarga de atividades disciplinares, de outro, a construção de uma postura de ensinar (e aprender) na escola que acaba sendo construída entre atribuições de ser professor e “comportar-se” como aluno. É neste

emaranhado de atribuições para a formação acadêmico-profissional que a docência vai sendo pensada, representada, estruturada, desestabilizada, construída e reconstruída (BELLOCHIO, 2012, p. 232).

Entende-se, portanto, que a docência é um processo. Assim, quando um professor de música se dispõe a dar aulas na Educação Básica não deve tardar em perceber que apenas os seus conhecimentos musicais não são suficientes para tal tarefa. Cereser (2003) defende que trata-se de um contexto que exige mais que o “saber tocar” ou o “entender de música”, há necessidade de um suporte teórico-pedagógico específico que auxilie o professor em seus desafios.

A minha vivência é semelhante às considerações apresentadas pelas autoras: o início da docência sem o suporte teórico-pedagógico para me auxiliar, a prática concomitante do “aprender a ser professor” e o “ser professor” e pude perceber que o que me torna professora a cada dia é o somatório de experiências que fui me deparando ao longo da vida, mesmo antes de eu entrar na faculdade e me são acrescentadas a cada dia. É dessa forma que os autores que pensam a formação do professor de música me auxiliaram nesse trabalho.

## **4. RELATO DE EXPERIÊNCIA**

### **4.1 COMO PREPARO MINHAS AULAS**

Ao longo da minha formação tive que fazer inúmeros planos de aula, nas disciplinas oferecidas pela Faculdade de Educação e nas pedagógico-musicais, oferecidas pelo Departamento de Música. Nenhum dos planejamentos apliquei em meu trabalho profissional, e alguns foram utilizados em disciplinas, como estágio, peam. Em uma disciplina, denominada didática, aprendi as várias regras de “como fazer um bom plano de aula” e isso me rendeu boas menções em disciplinas pedagógica e pedagógico-musicais, mas nunca me rendeu uma boa aula.

A preparação das aulas sempre esteve mais ligada àquilo que aprendi, a forma como aprendi, àquilo que pesquisei, relatos ou ideias que li em blogs, ao produto que desejo e a forma como quero atingi-lo. Isso não significa que não preparo minhas aulas. Elas são preparadas, pensadas e também avaliadas, mas não consigo estruturá-las de maneira formal, com escritos no papel, formula recomendada pelas aulas de Didática, com os planos de aula, muitas vezes antigos.

Aumento minha bagagem do que e como trabalhar com meus alunos conversando com outros professores de música. “Como você faz seu aluno improvisar?” ou “como você trabalha composição com as crianças?” pergunto. Leio blogs de professores de música e converso com alunos. Quando tenho a oportunidade de conversar com uma criança, pergunto “você tem aula de música?”, “o que você faz nas aulas de música?”.

A experiência que tive quando ainda estava na Educação Básica, na Escola de Música de Brasília e na Universidade de Brasília também me auxiliam nas aulas que ministro. Em algumas turmas monto grupos de percussão e ensino algumas coisas da forma como aprendi, outras coisas ensino da forma como vi colegas ensinando. É assim que aulas que ministro são preparadas.

Ainda que o objetivo seja centrado nos alunos, o plano de aula é feito para o professor. É uma forma do professor se orientar, sistematizar sua prática e não se perder no meio do caminho. Porém, isso não funciona para mim, pois quando eu tenho um roteiro, fico perdido, pois me sinto engessada. Vejo que na sala de aula algo lindo e vivo acontece: pessoas estão vivenciando experiências que vão transformá-las, por meio da

aquisição de conhecimentos, experiências que contribuem para o aprendizado, crescimento e desenvolvimento dos alunos e do professor. Entendo que essas experiências são muito ricas para serem reduzidas a um papel, porém percebo uma necessidade de aprofundamento nesse assunto.

#### 4.2 COMO CONQUISTO A ATENÇÃO DOS ALUNOS

Ao longo da minha prática docente me deparei com vários tipos de turmas: aquelas mais agitadas, mais calmas, mais desanimadas, mais barulhentas. É comum ver os professores rotulando as turmas. Certa vez, eu estava na quadra de uma das escolas que trabalho ajudando a professora regente a ensaiar uma peça de teatro para ser apresentada na formatura das crianças da alfabetização quando chegou outra turma, terceiro ano do ensino fundamental, para fazer educação física. A professora que já estava ocupando a quadra fingiu que não viu a outra professora chegando com sua turma, mas não demorou muito tempo para a primeira se incomodar com o barulho dos alunos da segunda: “essa turma é muito barulhenta, ninguém agüenta”., comentou comigo. Disse ainda: “Também... a professora vive aos berros com eles, lá da minha sala dá para ouvir. Meus alunos já comentaram comigo que quando estiverem no terceiro ano vão sair da escola porque não querem ter professora que grita”.

Isso me fez pensar quantas vezes rotulamos as crianças, mas se o nosso olhar se voltasse para outros fatores que as cercam compreenderíamos melhor suas atitudes, nesse caso, a professora observou a prática da colega. Às vezes, o simples fato de olharmos além do rótulo nos faz mudar a postura em relação a uma criança ou uma turma. Olhar além do “ninguém dá conta dessa turma”, “esse menino é terrível”, “não vejo a hora desse ano acabar para me livrar desses meninos”.

Quando me vejo cansada, com vontade de gritar ou de esganar um aluno, me lembro do que me levou à sala de aula, o que me levou ao curso de Licenciatura em Música, a ser professora: o amor pelos alunos e pelo ensino. Quando se ama procura-se entender o outro. É claro que nem sempre sou um poço de paciência. Muitas vezes, gritei com alunos, perdi a cabeça, mandei para fora. A relação que tenho com as crianças foi um processo construído ao longo desses cinco anos de docência, a professora que hoje escreve essas palavras com certeza não é a mesma do ano passado e espero que ano que vem eu venha a ser uma profissional muito melhor.

Durante minha formação não fui orientada a como proceder com alunos ou turmas indisciplinadas, inquietas, barulhentas. Como proceder para obter atenção e respeito das crianças. Nas matérias oferecidas pela Faculdade de Educação, por exemplo, havia apenas discussões, rodas de conversa quando tínhamos que fazer trabalhos de campo e observar um professor. Essa é uma prática maravilhosa e cheia de aprendizagens, mas não é suficiente para preparar um professor para a prática da sala de aula.

Era comum atividades que tínhamos que visitar uma escola, observar um professor da sua área de formação, fazer um relatório e apresentá-lo. A disciplina (ou indisciplinada) dos alunos, o controle que o professor tinha da turma era uma abordagem recorrente nessas atividades. Presenciei muitos colegas de disciplina como, Organização da Educação Brasileira, Fundamentos da Educação Artística e Didática apontando os erros do professor que ele observara. “Ele não controla a turma”, “ele é muito passivo, deixa os alunos fazer o que querem” eram críticas comuns. Nesses momentos, eu ficava pensando “quando esse colega se formar entrar em uma escola para dar aula e não apenas observar e sentir na pele o que ele criticou, é possível que ele venha a cometer os mesmo erros, quem sabe até pior”. É fácil para quem está assistindo apontar as dificuldades e atitudes erradas, difícil é colocar na prática aquelas soluções ideológicas e até utópicas apresentadas no banco da faculdade. Outros levantamentos feitos nessas atividades eram muito interessantes e me ajudaram a moldar minha prática. Lembro-me, que, muitas vezes, questões levantadas e discutidas nessas atividades serviram como base para uma reflexão do meu fazer pedagógico. Não consigo recordar especificamente o que estava sendo discutido ou o que era falado, mas lembro de que a maioria dessas disciplinas eu cursava à noite e no dia seguinte, de manhã estava eu em sala de aula tentando colocar em prática aquilo que tinha sido debatido.

Esse item está relacionado com o item que virá a seguir, pois se um professor não consegue a atenção de seus alunos, se ele não consegue acalmar as crianças, ele falha no ponto inicial para obter um ambiente ideal para as aulas de música.

Como consigo a atenção dos alunos sem gritar, sem se estressar e sem desistir deles? Já ouvi relatos de coordenadoras, de professores de música e de professoras sobre aulas desastrosas de música pelo simples fato de o professor não conseguir a atenção de seus alunos. Já ouvi professora pedagoga dizendo que o horário da aula de música era para sua coordenação, mas que ela não podia sair da sala pois o professor de música não conseguia dar aula. Já ouvi uma coordenadora falando: “vamos utilizar a aula de música

da professora fulana para fazer essa atividade, afinal a aula dela não vale nada mesmo, os meninos só bagunçam”. Já vi colegas cansados, desanimados e exauridos. A reclamação é não conseguir dar aula. O que eu faço para não chegar a esse ponto?

#### 4.2.1 Demonstro carinho

A primeira questão é o carinho. Mostrar para as crianças que eu gosto delas, que eu gosto de estar com elas. Falar de forma respeitosa e carinhosa. As crianças de sentem bem com isso e o professor vai criando um laço de afinidade com seus alunos de forma que eles se importarão com o que você pensa deles. Quando o professor conquista o carinho das crianças, elas farão de tudo para agradar o professor e em dias que elas estiverem mais agitadas, falas simples como “essa turminha está me deixando triste hoje com tanta bagunça” já resolve o problema. Ou “nossa, eu preparei uma aula tão legal com tanto carinho, mas vocês estão conversando tanto que não vai dar certo”. Logo após essa “reclamação” é bom ter uma proposta, como “vamos sentar cada um no seu lugar e me mostrar que todos vocês são bem educados? Prestando atenção no que estou falando. Vamos lá?”

É claro que há situações que é necessário falar mais firme com as crianças ou com um grupo mais especificamente. As vezes, o carinho está na correção, e as vezes, é necessário que essa correção seja mais firme. Eu tenho me disciplinado a dar essas broncas mais firmes apenas para a criança em questão. Não é necessário a turma toda ouvir o colega levando bronca. Deixo apenas as reincidências para a turma toda ouvir, não como castigo, mas porque não dá para parar a aula de cinco em cinco minutos e ir até a criança para chamar sua atenção. Então, digo: “fulano, nós já conversamos, vou precisar repetir?”

#### 4.2.2 Entendo que criança faz criança

Isso foi uma das coisas que aprendi naquelas discussões das disciplinas da Faculdade de Educação. Olhar para uma criança e esperar que ela tenha atitude de adulto não dá certo. Crianças terão atitudes de criança e é por isso que o professor deve estudar como ela pensa, como ela aprende, pois é necessário compreender seu aluno.

Eu costumo ser muito exigente com meus alunos, principalmente em relação à disciplina. É importante não confundir indisciplina com coisas de criança. Esse olhar

para o “como é ser criança” deve estar presente na preparação das atividades. É muito difícil ter uma turma disciplinada se as atividades oferecidas são grandes e entediantes, por exemplo. Gosto de alternar atividades onde eles estarão sentados, prestando atenção com atividades onde eles se levantam e expressam sua “criancice”.

Nesse aspecto, é importante sentir o humor da turma. Quando chego à sala de aula dou um bom dia ou um boa tarde, escuto o que eles tem para me dizer, pergunto como eles estão, digo que senti saudade deles, digo que eles são lindos, maravilhosos, cheirosos, faço uma brincadeira, uma gracinha para eles rirem. Tudo isso para ir preparando o ambiente e sentir como eles estão. Além do mais, esse momento é importante no fortalecimento do vínculo do professor com seus alunos, aumenta a afetividade que se tem por eles e vice versa. Quando estou cansada querendo mudar de profissão, esse momento também me ajuda. É impressionante como uma criança tem o poder de restaurar nossas forças. É só olhar para ela com todo amor do mundo!

Tem dias que eles estão mais agitados, mais dispersos, mais calmos. Até o clima influencia nisso, se está chuvoso, se está seco, quente, frio. O horário da aula também influencia. Os horários perto da hora do almoço são os piores, é importante criar estratégias especiais para essas aulas, como levá-los para o pátio de vez em quando, dar os dez minutos finais livres se eles fizerem todas as atividades propostas. E esse momento inicial permite medir o humor da turma. É por isso que rotular não é a melhor saída, cada dia eles estão de um jeito! Conforme vou percebendo o humor da turma, vou adaptando aquilo que preparei, ou a forma como pensei em fazer a atividade.

#### 4.2.3 Deixo claro o que pode e o que não pode

“Nunca exigir do seu aluno algo que você não explicou a ele”. Eu tomei isso como lema há uns anos, depois que percebi que eu brigava com as crianças sem ter deixado claro o que eu queria. Estabelecer as regras, lembrar as crianças é importante. Em uma das escolas que leciono tenho minha própria sala e eu, como sou extremamente chata e exijo disciplina militar, estabeleço regras até como entrar e sair da sala. Mas dá certo e os alunos respeitam muito.

Em todas as aulas procuro dar instrumentos para eles tocarem. Mas há regras! Todos os meus alunos conhecem e todas as aulas, enquanto distribuo os instrumentos, as repito. Gosto de usar uma criança como exemplo também, normalmente aquele aluno que está mais agitado ou que é mais rotulado pelos professores. Pergunto para esse



aluno se ele sabe como é a postura de quem está com o instrumento e peça para ele mostrar para a turma toda como é que se faz. Enquanto distribuo os instrumentos, vou elogiando aqueles que estão seguindo os combinados.

#### 4.2.4 Não cedo e não tenho medo do atrito

É importante ser flexível, estar atendo àquilo que a turma exige quando se trata da aprendizagem deles e modificar planos em prol de seu desenvolvimento. Mas há situações em que o professor não pode ceder exatamente para que haja uma aprendizagem significativa. Como estamos falando de disciplina em sala de aula, há uns pontos em que o professor não pode ceder. É importante que ele cumpra o que disse (por isso cuidado com suas palavras, principalmente nos combinados), que o professor não negocie suas regras para ser amado e que ele vá até o fim nas atividades que propõe.

É comum ouvir professores dizendo ao aluno “se você não sentar vai ficar sem recreio”, “pare de conversar se não você vai ficar sem parque”, a criança não senta, ouve a ameaça mais dez vezes e no final vai para o recreio, para o parque. Essa lição eu aprendi com alguma professora da UnB, não lembro qual, e com minha pastora, que é pedagoga. Nunca diga para uma criança que você vai fazer algo se você não vai fazer. Não é a forma correta de conseguir a disciplina do aluno.

O professor é um ser humano, é bom lembrar disso de vez em quando, como bem lembrou Ada Abraham em seu livro “O professor é uma pessoa” (Nóvoa, 2007, p.15) e como tal gosta de ser amado. E para ser amado, ser o professor legal, já vi colegas cedendo coisas importantes. Por exemplo, na aula de música eu não deixo as crianças ficarem com seus brinquedos (a não ser que tenha algo musical que tenha a ver com a aula, ou que ela expresse algo musical com aquilo). Eu não posso ceder essa regra só para a criança gostar mais de mim. Não é não! E as vezes sou muito dura. Confisco os brinquedos de quem desobedece e só entrego para os pais ou responsáveis que vierem conversar comigo. Claro que dou a última chance de a criança guardar e até hoje só recolhi um brinquedo. E ao longo desse ano tenho percebido que a criança não deixa de gostar de mim só porque eu disse “não” a ela. Digo não ao brinquedo, mas depois dou instrumentos musicais, ela tem momentos de alegria tocando, ela acaba nem lembrando do brinquedo.

Para não criar atrito com o aluno, é comum ver professores que não concluem atividades propostas. Crianças das primeiras séries do Ensino Fundamental as vezes por

preguiça, as vezes por se sentirem incapazes, rejeitam aquilo que o professor propõe. Nunca é bom forçar o aluno a tocar, mas oferecer uma atividade que ele consegue e incentivá-lo a fazer é importante. As vezes, no primeiro erro eles querem desistir. É função do professor ensinar que música nós aprendemos errando. As vezes eles estão com preguiça e fazem corpo mole. O professor tem que estimulá-lo a deixar a preguiça e ir em frente. É sempre recompensador quando o resultado chega, mesmo que haja atritos no decorrer da caminhada, aliás, o atrito é aquilo que nos faz andar.

Essas lições eu aprendi com a minha professora de Projeto de Estágio, que propôs que escrevêssemos um artigo durante o semestre. Foi um semestre de reclamações e questionamentos, ninguém queria escrever o tal artigo. Pura preguiça. A pressão para que ela desistisse do artigo foi tão grande que, tenho certeza, se fosse outro professor, teria mudado de idéia para evitar o atrito com os alunos, mas ela se manteve firme, acho que por saber que todos ali eram capazes de fazer o que ela estava pedindo. No final do semestre, além de todos estarem com seus artigos feitos, apresentamos para uma banca. Certo dia, revirando minhas coisas, encontrei meu artigo e fiquei orgulhosa de mim! ‘Meu Deus, foi eu quem escreveu isso?’ pensei. Fiquei tão feliz em saber que eu era capaz de fazer algo como aquilo. Depois lembrei da professora e pensei o quão guerreira ela foi. Ela não fez questão de ser querida, de que os alunos a amasse. Ela queria mostrar o quão capaz eles eram.

#### 4.3 COMO CRIO O MELHOR AMBIENTE PARA AS AULAS DE MÚSICA

Certa vez minha professora do Estágio Supervisionado em Música 2 disse algo que nunca saiu da minha cabeça: a aprendizagem musical acontece no caos, pois é nesse momento em que a criança está explorando o instrumento, buscando os timbres que ele oferece, buscando a melhor maneira de tocá-lo. Veio na minha cabeça os ambientes em que estudei meu instrumento: a sala nunca era exclusiva, enquanto eu estudava marimba, havia uma pessoa ao meu lado estudando uma peça de caixa, outra estudando vibrafone, outra estudando marimba, era uma loucura. E nós aprendíamos.

É claro que o contexto da música na Educação Básica é diferente, mas ter esse pensamento evita que o professor se desespere quando cada um pegar um instrumento e fizer aquela barulheira horrorosa e fique tentando acabar com aquele caos. Mas é saudável que a criança pegue o instrumento, experimente-o, tente fazer um ritmo, criar novos sons com ele. Eu gosto de deixá-los um tempo livre com o instrumento e ficar

observando, a sala se torna um caos sonoro, mas olhando pontualmente, você vê uma criança tentando reproduzir um som que ela gosta, outra cantando uma música e tentando acompanhar com seu instrumento, outra improvisando. Quanta aprendizagem! Realmente a aprendizagem musical acontece no caos.

Nessas aulas de estágio eu e um colega tínhamos que ensinar a parte rítmica da ciranda para um grupo de alunos de 10 anos. Mostramos o ritmo, contextualizamos, fizemos atividade para desenvolver a coordenação motora necessária para executar esse ritmo, o repetimos várias vezes. Depois disso era hora de colocar os alunos para tocar, errar, tocar, errar, tocar, errar. Não parávamos quando estava errado, continuávamos e o próprio aluno percebia que o som dele estava diferente, que tinha algo errado. Gosto de atividade assim, gosto de dar oportunidade para que o aluno perceba que errou o ritmo, a entrada. Gosto que ele mesmo perceba que as vozes estão desencontradas. Isso estimula a autonomia e a percepção. Mas é preciso ficar mergulhado no caos sonoro dos ritmos errados e desencontrados.

Apesar de eu ter entendido que há muito o que aprender nesse ambiente cheio de sons, não acho que seja saudável que ele dure toda aula, por isso a importância de estabelecer limites. Destaco aqui dois motivos principais para que o professor de música seja um gestor do ambiente sonoro: o primeiro para manter a política da boa vizinhança. A aula de música acontecendo na sala de aula do aluno ou em uma sala específica para as aulas de música, por se tratar de um ambiente escolar, imagino que haverá outras salas por perto com professores ministrando suas atividades e seus conteúdos, ter um colega que faz muito barulho o tempo todo, com certeza atrapalha. Segundo, para que não haja reclamação dos próprios alunos. Nem todos gostam de estar em um ambiente sonoramente confuso, para evitar reclamações de dor de cabeça, dor no ouvido, é importante que o professor controle o barulho em sala.

Portanto tenho descoberto que o ambiente ideal para a aula de música não é o de silêncio absoluto nem o de barulhos sem fim. É importante alternar os momentos de muito som e de silêncio. O professor se torna também um gestor do ambiente sonoro observando qual é o melhor momento de deixar os alunos experienciarem os instrumentos e aprender fazendo e qual é o melhor momento para que haja silêncio.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Não pare de lutar por tudo o que você sonhou  
Pois tudo o que viveu foi construindo quem tu és  
Mais forte, com outro olhar e com outra visão  
Tudo coopera para o bem de quem ama a Deus”  
(Coral Resgate Para a Vida)*

Esse trabalho me trouxe uma reflexão: foi a universidade que me formou professora ou a prática docente? Tudo o que aprendi, a forma como conduzo minhas aulas foi fruto do que foi produzido dentro da universidade ou foi fruto dos meus erros e acertos em sala de aula? Cheguei à conclusão de que foi a mistura dessas duas experiências que me formou. Relendo e analisando o relato de experiência tive a certeza que quem me fez professora foi a universidade e a sala de aula.

Cinco anos cursando Licenciatura em Música e simultaneamente dando aulas de música na Educação Básica fizeram com que eu traçasse estratégias para conseguir a atenção, respeito e disciplina dos alunos. Fiquei admirada com o conhecimento que fui adquirindo ao longo desses anos e como eles foram moldando a minha prática.

Escrever sobre si não é uma tarefa fácil. Além de me expor, eu estava refletindo, repensando minha prática, colocando-a como um réu de um tribunal onde a juíza seria eu mesma. Essa tarefa exige certa imparcialidade ao analisar os dados obtidos durante a escrita. Foi, porém, uma atividade muito positiva no que diz respeito à minha formação.

Posso estar sendo enganada pela euforia do momento de estar concluindo o trabalho mais importante da minha graduação, mas arrisco afirmar que essa foi a experiência que mais agregou reflexões e conhecimento de todo meu curso. Até porque ela uniu experiências que tive ao longo da minha caminhada acadêmica e descobri que nada que fiz na universidade foi em vão.

Como diz a letra da música apresentada na epígrafe, tudo o que vivi foi construindo quem eu sou. Nenhuma disciplina foi uma experiência vazia. Todas elas trouxeram aprendizagem e me fizeram a professora que hoje sou.

Esse trabalho foi formador para mim no sentido de produzir uma reflexão autoformadora, fez-me enxergar que me tornei o que um dia sonhei, fez-me olhar para as minhas falhas, fez-me despertar para a realidade de que eu posso ser uma profissional melhor ao confrontar a minha prática com aquilo que aprendi e aprendo todos os dias.

Com certeza não sou a professora que eu era antes de começar a escrever esse trabalho, me observo e me questiono mais. Esse trabalho foi um olhar para quem eu sou e contribuiu para a construção da minha identidade. “A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão”. (NÓVOA, 2007, p.16)

Convido, portanto, o leitor a fazer o mesmo, encarar esse lugar de conflito, reviver as práticas e aprendizagens que estão na sua memória, reinventá-las, refazê-las, tornando-se a cada dia um profissional-pessoa mais capaz e competente.

Finalizo aqui minha formação inicial e esse trabalho se torna um marco na minha memória, evidenciando que não é simplesmente esse diploma que me torna professora, vou me fazendo professora...

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BELLOCHIO, C. R.. Representando a docência, vou me fazendo professora: uma pesquisa com estagiárias de licenciatura em Música. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 227-252, jan./jun. 2012.

BELLOCHIO, C. R.; SOUZA, Z. A. Aprendizagem docente em música: pensando com professores. *Música em perspectiva*, v. 7, n. 1, p. 25-42, jul 2013

CERESER, C. M. I. A Formação de professores de música sob a ótica dos alunos de licenciatura. Dissertação de Mestrado.

NÓVOA, A. *Vidas de professores*. Porto Editora, 2007.

SOUZA, Eliseu Clementino. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre a história de vida em formação. *Revista Educação em Questão*, natal, v.25, n.11, p. 22-39 jan/abr. 2006.

SOUZA, Z. A. Construindo a docência com a flauta doce: o pensamento de professores de música. 2012. 170 p. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação, Santa Maria, 2012.